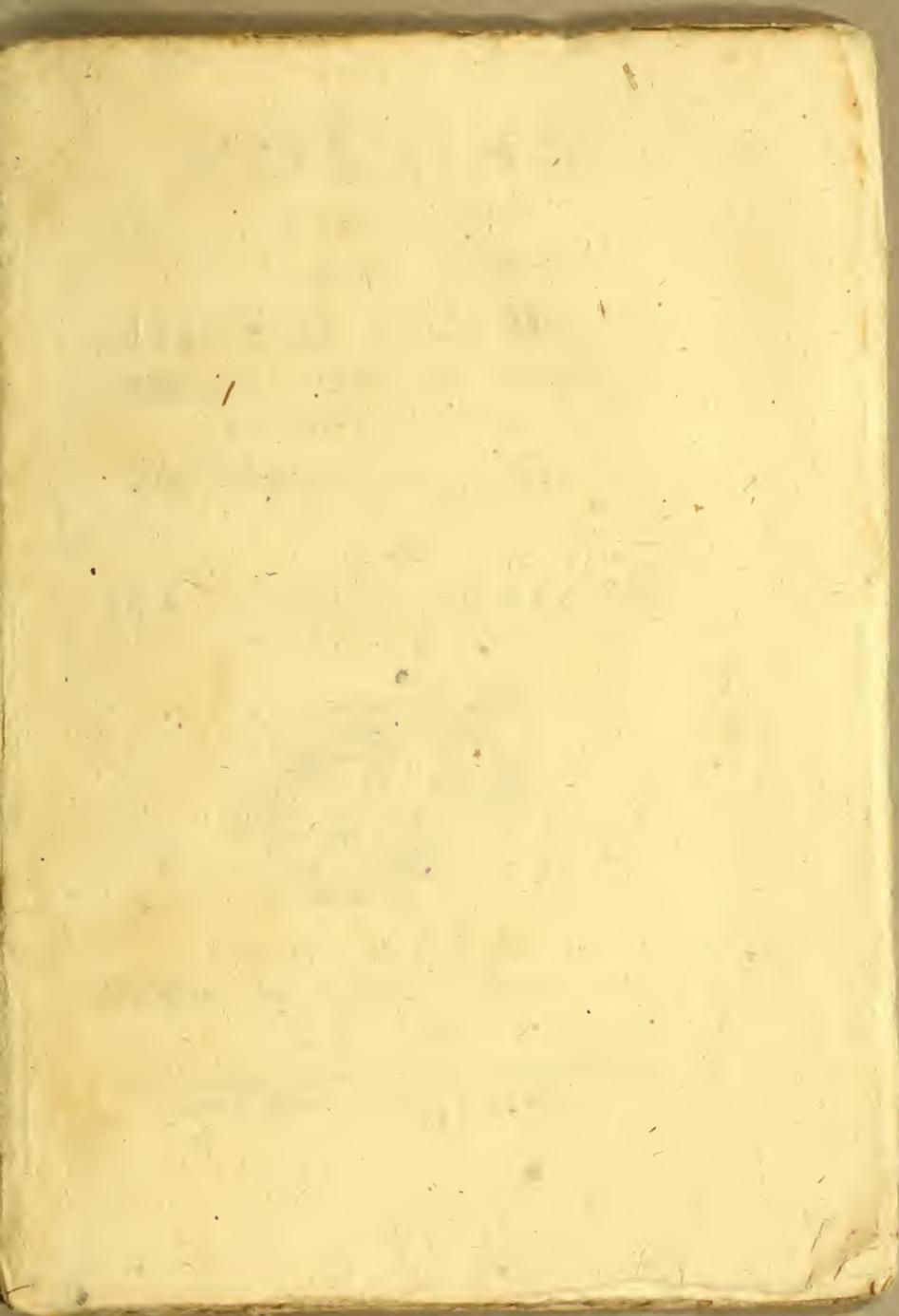


2341

C







POEMAS

DEDICADOS

AO ILL.^{MO} SENHOR

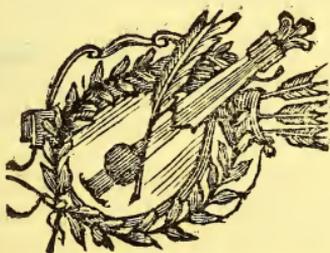
ANTONIO JOSÉ MARIA

PEREIRA COUTINHO DE SOUSA
FREIRE E MENEZES

*Moço Fidalgo da Casa de S. Magestade ,
Ec. Ec. Ec.*

POR

JOAÕ ANTONIO CARVALHO
RODRIGUES E SILVA.



COIMBRA:

NA OFFICINA REGIA DA UNIVERSIDADE.

M. DCC. LXXXXI.

*Com Licença da Real Meza da Commissão Geral
sobre o Exame , e Censura dos Livros.*

FOR SALE

WORTH \$1000
APPLYING FOR

APPLYING FOR

APPLYING FOR



APPLYING FOR

APPLYING FOR

APPLYING FOR

AO AUTHOR

SONETO.

COm seus cantos Homero fez-se eterno ,
Em tubas d'ouro Achiles entoando ,
O Sabio Mantuano modulando ,
Com Eneas passou o lago Averno.

Pindaro grave , Anacreonte terno ,
O grande Horacio , o triste Ovidio brando ,
Camões , Taço , Volter , Milton , cantando
Se fazem dignos de louvor superno.

A estes nunca os evos voradores
A fama eclipsar podem ; nem carcome
O Tempo os altos Vates sup'riores :

Tambem a ti Joranio não confome ,
Pois da tua alta Musa os esplendores
Do escuro Lethes salvará teu nome.

De Manleo Conimbricense.

1842

1842

1842

1842

1842

AO ILL.^{MO} SENHOR
ANTONIO JOSÉ MARIA
PEREIRA COUTINHO DE SOUSA
FREIRE E MENEZES.

CARTA DEDICATORIA.

E M quanto a minha lugubre tristeza
Breve tempo de tregoa me concede ,
A ti Preclaro , e verdadeiro Amigo
Envio os versos , que inda implume genio ,
Em vagas horas me dictou á lyra :
A tua sombra vão buscar azyllo
Contra as tormentas , que fulmina a inveja.
Eu bem conheço , que hão de ser mordidos

Per

C A R T A

Por serem parto de nascente vate.
 Talvez me digaõ, que o divino Horacio
 Tomou a lyra, quando as cans nevadas
 Mal povoavaõ a rugosa calva.
 Mas quem não pensa que os primeiros versos,
 Que elle forjára nos seus verdes annos,
 Por falta d'arte, sepultados jazem
 No tenebroso pó do esquecimento?
 Para escrever as Odes magestosas,
 Que as Musas nos seus canticos recitaõ,
 Era preciso ter já feito callo
 Sua alma grande de fallar em metro;
 E se uos Horacios só compete a Ode,
 Talvez que nunca Portugueza Musa
 Attiloquo louvor em Odes teça.
 De Venosa o Cantor teve hum Mecenas,
 De cuja estirpe a Lusitana terra,
 Fecunda em genios, não brotou vergonta.
 He verdade, Senhor, que nesses tempos
 Era o divino dom da Poesia,
 Rara mercê, que ao Mundo o Ceo mandava;
 Qual Cometa de seculos, a seculos
 Hum Vate apparecia, e cem Cidades

DEDICATÓRIA.

*Da sua Patria a gloria disputavaõ ;
E que hoje os lagos d' Hipocrene entulhaõ
Garrulas raãs , que em vaõ Apollo enxota.
Se pelos campos do Mondego espalho
Timidos olhos , infestalos vejo
Milhões de corvos , que incessantes grasnaõ :
Não sei quaes culpas contra nós armáraõ
A Mãe Tonante , que as esferas move ,
Que em vez de raios em castigo manda
Enormes bandos de infernaes Poetas !
Esta tropa cruel , que inda aos mais serios
Fere , estoquea co' importunas trovas ,
Erra vagando por Cafes , e Ponte ,
A' maneira de cego prazenteiro ,
Que o povo ajunta co'a comporta , ou chula.
He preciso fugir dos seus ataques ,
Como do caõ damnado pelas ruas :
Feliz daquelle , que aos raivosos dentes
De constante pachorra escapa armado !
Porém deixando a causa , em que eu não posso
Rectamente julgar , por ser suspeito ,
De novo torno ao extraviado assumpto.
Assim he , que estes versos , que te offereço*

Ba-

C A R T A

*Bafejados não são das sabias Musas,
 Arte profunda, que os engenhos pule,
 (Depois de longas noites de vigílias)
 Inda não lima meus singelos cantos ;
 Porém não sabem da lisonja infame
 Ao resfrio gostoso a impuras bocas :
 Curtos estudos, branda natureza
 Nas mãos m'entregão a sonora lyra,
 Sincera gratidão nas aureas cordas
 Me adestra os dedos, e o meu pleetro guia,
 Ao mesmo passo, que Amizade santa,
 Nos seus altares, voluntaria offerta
 Fazer me ordena desta tosca rima.
 Se tu não foras, meu Illustre Amigo,
 Da minha cithara honrador tão alto :
 S'em teu amavel peito não pulára
 Hum coração, que as candidas virtudes
 A suas leis moldárao providentes,
 Não se atrevera a levantar o voz,
 Quem sobre os ares inda mal adeja.
 Porém, graças aos Ceos, tenho hum Patrono,
 Que só estima accidental nobreza
 Como degrão, que ao Templo da Virtude,*

Con-

DEDICATORIA.

Conduz , quem a não mancha com seus feitos :
Dos ascendentes teus as acções grandes
Não infunção tua alma , antes te excitaõ
Desejos de augmentar seu nome , e fama ;
E dentro de teu peito ferve a gloria
De cultivar as letras brilhadoras.
Contigo no cerrado gabinete
As timidas Camenas se agazalhaõ ,
Baniças de pellões auri-soberbos ,
Que por arte não ter as não estimãõ.
Ah ! Senhor , eu não posso sem doer-me
Da ingrata sorte desta estulta gente ,
A memoria trazer a nôfa insana ,
Com que na Poezia os olhos fita !
Alguns , cujos Avôs , nedios labregos
Do aurifero Brazil nas fundas minas ,
Forãõ catar as fulgidas riquezas ,
Porque a cêga fortuna os protegera ,
Trataõ de resto o Povo do Parnaso ,
E como a gente de outra massa encaraõ
Cò'aquelles , a quem deo Apollo o plectro.
Fulgãõ talvez , que as niidas Sciencias
Não devem figurar ; porque não trajaõ

CARTA DEDICAT.

*Fastosas sedas recamadas d'ouro ;
Nem as suas entranhas lhe devora
A fome nunca farta de riquezas.
Mas já que as Musas tem em ti abrigo ,
Pois que sabes que o homem sem sciencia ,
He no Mundo , qual planta sem cultura ,
Estes confunde recebendo meigo ,
Como costumás , a sincera offrenda
Da minha Musa , só por ti sublime :
Atê que raie hum dia , em que adestrada
Ao cume do Parnaso se remonte ,
E a par d' Apollo co'as Camenas urda
Alti-sonoros desusados hymnos ,
De tua gloria , e de teu nome dignos.*



AO ILL.^{MO} SENHOR
ANTONIO JOSÉ MARIA
PEREIRA COUTINHO DE SOUSA
FREIRE E MENEZES.

O D E.



AMO viçoso dos Coutinhos claros ,
Dos Soufas , dos Pereiras , que estenderaõ
Os seus feitos preclaros ,
Além da escura morte , que venceraõ ;
Cujos troncos excellentes
De Heroes sempre tem sido florecentes ;

Se em annosas medalhas te não mostro
De teus nobres Avós altas façanhas ;

Se

Se adulando não prostro
 Curvadas a teus pés nações estranhas ,
 Inimigas bandeiras ,
 Vencidos Esquadrões , rotas fileiras.

Sem immolar profanos sacrificios
 No torpe altar d'adulação faceta ,
 Domando horrendos vicios ,
 Heroica empreza da tua alma recta ,
 Te pinto valeroso ,
 Em sagradas virtudes respeitoso.

A Cesar , a Pompeo de que fervirão
 As cruentas batalhas , que venceraõ ?
 Quaes glorias adquirirão
 Se por mira ambição sempre tiveraõ ?
 S'emprezas de coragem
 Desempenha tambem ferós selvagem ?

Ouvirão como tu a indigencia ,
 Alçando as mãos , rogar pelos seus dias ?
 Que signaes de clemencia
 Devizamos em suas tyrannias ?
 Que importa o sangue illustre ,
 Se o não circula da virtude o lustre ?

Em quanto adulação d'hum lado incensa ,
 Afflicta geme a oppressa humanidade ,
 Lucrando em recompensa
 De seus feitos o roubo , e crueldade ;
 E clamaõ por memoria ,
 Depois vingança as paginas da historia.

Na fatal hora , quando tudo he pranto ,
 Rasga-se a mascara , e apparece o homem ,
 Remorso , dor , espanto
 Rispidos não consentem que se domem :
 Torna-se o Heroe bravo
 Das suas mesmas afflicções escravo.

Unir a magestoso nascimento
 Os doces atractivos da virtude ,
 Sublime luzimento ,
 Que faz igual ao Rei o zagal rude ,
 He só quem faz no Mundo
 O homem digno de louvor profundo.

Se nos horridos campos de Mavorte
 Não brandes larga espada ;
 Se a mão da guerra forte
 Co' a palma te não croa ensanguentada ;
 Tens huma alma sublime ,
 Que armada da Razaõ o vicio opprime.

Sacras Virtudes , Genios Soberanos ,
 Que tendes sobre os Ceos berços dourados ;
 Só por vós os humanos
 Saõ do rigor da morte exceptuados ;
 Por vós do monstro avaro
 Triunfa o meu Heroe , por vós preclaro.



AO FAMOSO CAPITAÕ DA INDIA
FRANCISCO PEREIRA
COUTINHO,

*Depois Capitaõ , Governador , e Senhor
da Bahia.*

O D E.

BIFRONTÊ monstro , tu lisonja infame ,
A quem almas pequenas
Escravas do interesse , altares erguem ,
Naõ me pintes aos olhos
Acções , que o teu buril eivado lavra ;
A par da minha lyra só revoa
Verdade inconstraavel ,
Que me ordena levar Coutinho aos Astros.

Das frias cinzas deste Heroe , que eu canto ,
E que a morte respeita ,
Naõ he preciso mendigar louvores
Nas paginas da historia :

Tef-

Testemunhas , que o Tempo não soborna ,
 Saõ os brados constantes , que retumbaõ ,
 N'um , e n'outro emisferio
 Cunhadas pela maõ da honrosa Fama.

A faminta ambição de reger orbes ,
 As ferrolhadas portas
 Não destranca , do Templo formidavel
 Do Sanguinoso Jano :
 Mais nobres causas pejaõ a grande alma
 Do meu sublime Heroe ; co' dedo a guerra
 Viridica me aponta ,
 Verter seu fangue por servir a Patria.

Da plaga Occidental corre gostoso ,
 Té ao berço do dia ,
 O Lusitano destemido Alcides :
 O furibundo Marte
 Toma a tarefa de o vestir de bronze ;
 Saõ do Ganges os campos a palestra ;
 E do Templo da Gloria
 De par em par as portas se lhe abrião.

Ao lado d'Albuquerque que inda vive ,
 D'um Gama , d'um Almeida (a)

Do

(a) Saõ expressos na doação que o Senhor D. João III. fez a este Capitão dos territorios da Bahia os seus importantes serviços nas seguintes palavras . . . ,, Pelo que resguardando eu os muitos serviços , que Francisco Pereira Coutinho , Fidalgo da minha Casa , a ElRey meu Senhor , e Padre , que santa Gloria haja , e a mim tem feito assim nestes Reynos , como nas partes da India , aonde servio muito tempo com o Conde Almirante , e com o Vice-Rey D. Francisco de Almeida , e com Affonso d'Albuquerque. ,,

Do peito ardente de Coutinho brotao
 Crebras accões terriveis:
 Sangue de Heroes nas veias lhe fervia,
 E o nome Portuguez ante os seus olhos,
 Os perigos da guerra
 Suaves pinta, da ventura orlados.

Iroso a seu furor os diques solta,
 No fogo da batalha,
 A fulgurante espada fopezando,
 Qual indomito Rio,
 (Que arraza os montes na feroz torrente)
 Muralhas desfantella, os campos talla,
 E a seu arbitrio escreve
 Leis á guerra, ao furor, ao fogo, e á morte.

Por largo tempo, o Luso-Indico Imperio
 Os aureos fructos goza
 Do destemido braço, que não poufa;
 Porém de Lísia bella
 A implacavel faudade não consente,
 Que a Fama lhe guarneça a fronte invicta,
 Sem que ella em seu regaço
 Lhe enxugue o rosto de fuor banhado.

Affim he que á morada das estrellas
 Alça Coutinho os louros,
 Que Lísia interlaçou de honrosas graças. ^(a)
 Mas

(a) As mercês com que o Senhor D. João III. premiou o nosso Heroe, na mesma Doação se manifesta . . . „ Faço mercê, irrevogavel Doação entre vivos, valedora deste dia para
 „ to-

Mas o Heroe verdadeiro
 O pavimento d'ocio nunca piza ;
 Sob o Lethes mergulha o seu repouso ;
 Quando a Honra da Patria
 De incansaveis fadigas tem por meta.

Do rizonho Brazil tu flor viçosa ,
 Que affogada jazias
 Dos tetos erros nos lodosos charcos ,
 Exulta-te em ti mesma ,
 Abrolhará teu feio , e a mão benigna
 Do provido Cultor , que vai regar-to ,
 Os teus floridos ramos ,
 Fará tocar as apartadas nuvens.

Topinambás soberbos blazonavaõ
 Nas margens da Bahia ;
 Apavonadas plumas ondeando
 Nos cucares erguidos ;
 Entre nuvens de fetas venenosas
 O Capitaõ valente arrosta forte ,
 E pela Patria jura
 Ou dar a vida , ou rematar a empreza ;

Qual o Leão raivoso , que açoutando

**

As

„ todo sempre de juro ; herdade para elle , e todos seus filhos ;
 „ netos, herdeiros, e successores, que após elles vierem, assim
 „ descendentes, como transveraes, e culaetraes, segundo adiantè
 „ hirã declarado, de cincoenta legoas de terra na dita Costa do
 „ Brazil . . . e me praz, que o dito Francisco Pereira Cou-
 „ tinho, e todos seus herdeiros, e successores que a dita terra
 „ herdarem, e succederem se possaõ chamar, e chamem Capi-
 „ tães, e Governadoes della, &c. „

As ilhargas co'a cauda ,
 Dos olhos fuzilando accesos raios ;
 Estragos ameaça ,
 Faz nos bosques tremer quanto respira
 Assim Coutinho , mortes fulminando ,
 Por toda a parte espalha
 Torvos influxos , nuncios de ruinas.

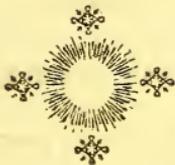
Sombrios Manes dos Coutinhos fortes ,
 Que estranhas alegrias
 Vos assaltáraõ , quando sobre os campos ,
 Dos que habitaes sepulcros ,
 Vistes aquelle , em cujo peito falta
 De tanto Heroe o brio refltrado ,
 Fazer tremer Mavorte
 Do duro braço , que a feu molde armára?

Inda ressoaõ nas Baianas praias
 Os gritos espantofos ,
 Que os chocalheiros écos reproduzem ,
 Desde quando alastradas
 De mortos , viraõ aboiar cardumes
 De bassentos selvagens , sobre as ondas
 Do fangue fumegante ,
 Que o mar d'azul , em rubro transformára.

Agora he tempo , Musa , erga-se o vôo :
 Pode o timido susto
 Embotar a constancia , que atavia
 A cithara Thebana ?
 Comtigo combater quem pode quando ,
 A par d'alma verdade luminosa ,

Accções grandes entalhas ,
Nos brilhantes padrões da Eternidade ?

Mas já do augusto carro se desmنداõ
Meus fogosos Ethontes ,
Já desunidos , sacudindo voaõ ;
Os diamantinos freios ,
Este que toco he d'Oceáno o tecto :
D'Apollo ardente os raios me abrazeaõ :
Novo Icaro ser temo ,
E dar a novo Egeo co'a morte o nome.





AO ILL.^{MO} SENHOR
M A N O E L J O S É
C O U T I N H O P E R E I R A
DE SOUSA E MENEZES.

ODE SAFICA.

POR mais que eu cure d'enfrear meu estro,
Veda-mo Clio, a cujas leis me curvo,
Ella me apara a luminosa penna,
Ella me inspira.

Gentil Donzella, eu lanço mão da offerta,
Mofo da inercia, os hombros meus submeto
Ao pezo enorme de canções sublimes,
Que tu me aprestas.

Hum novo genio, que no sacro Pindo
Se cria ardente, aos seculos futuros
Dará materia a nunca ouvido canto,
Será meu Numen.

Cou-

Coutinho illustre , tu d'Heroes nascido ,
Gloria , e disvello de Apollineas lidas ,
Em cujo peito sobrefahe huma alma
Avida d'honra :

Escuta a lyra , que na frente marcha
De hymnos eternos , zombadores d'evos ;
Tu beni conheces quanto podem Vates
Sobre as idades.

Se querem , fazem defandar o carro
Do Pai de Jove , de Neptuno , e Pluto ;
Se querem , rasgaõ do futuro cego
O feio obscuro.

O Padre Apollo , que te dõa a lira ,
Em aureos cofres tem limados versos ,
Que haõ-de levar aos globos rutilantes
Teu claro Nome.

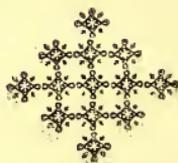
Naõ ha mysterio recatado aos Deoses ,
Delio conhece das acções preclaras ,
Com que has-de honrar a bella idade nossa ,
O inteiro fio,

Mas ah ! dos olhos confundidos fogem
Brilhantes palmas , refulgentes c'roas !
Co'ellas a fronte circundar-te espera
Hum dia Lisia.

Nem d'outra forte succeder podia :
Naõ podem Cifnes produzir de Corvos ,
A'vi-

Avitas honras d'incentivos servem
A peitos nobres.

Eu não te adulo com cinzeis fingidos ,
Tambem predigo oraculos em Delfos ;
Não fou Cassandra ; tu não és Troyano ;
Canto verdades.





AOS ANNOS
D'ANALIA.

O D E.

C O'a foice defabrida aos pés prostrada ,
O rispido cabello mais composto ,
Ricamente vestido , alegre o rosto ,
 Ouve Analia engraçada ,
O Deos das Estações sempre tristonho ,
 Nos teus annos rizonho.

Allados Cupidinhos revoando
Em torno , excitaõ festivaes porfias ,
Jogos off'recem a teus bellos dias
 Mil voës levantando :
Pedem ao Rei , que hum pouco mais clemente ,
 Os teus dias augmente.

Carregada de novo a catadura ,
Callar o Tempo manda a turba inquieta ,
Que a feu acceno hum pouco mais s'aquieta ,
E

E a impulsos da ternura
Nos livros dos destinos folheando ,
Assim lhes vai fallando.

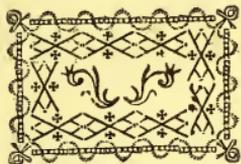
„ Apenas vio Analia a luz do dia ,
„ As horas diligentes por meu mando ,
„ Lhe foraõ longos annos destinando ,
„ Contra a morte sombria ;
„ Eu sou o Protector d'Analia bella ,
„ Naõ me rogueis por ella.

„ Irrevogaveis mandos dos Destinos
„ Antes d'ella nascer Grande a fizeraõ ;
„ Privilegios , e graças concederaõ
„ A seus dias benignos ,
„ As virtudes , que o berço lhe embaláraõ
„ D'altos dons a dotáraõ.

„ Eternos haõ-de ser entre os humanos
„ Seus raros dotes pelo Ceo formados ,
„ Os seus dias seraõ eternizados
„ Nas épocas dos annos ;
„ Nem pode golpear a foice rude
„ A invencivel virtude.

„ E vós , tropa gentil , que tantos molhos
„ D'agudas fetas , de gostosos laços ,
„ Enredas-te de Neri para os braços ,
„ Vendo d'Analia os olhos ,
„ Vivei ; vivei contente , eu sou aquelle
„ Protector d'ella , e d'elle.

Assim acaba o lubrico avarento ,
E a turba deixa da visão gostosa ,
Teu nome , bella Analia graciosa ,
Sobre as azas do vento ,
Tres vezes repetio entre clamores
A turba dos amores.





AO SENHOR
THEOTONIO GOMES
DE CARVALHO.

ODE SAFICA.

AMADO Tirce , se meus rudes versos
Já n'outro tempo por ti foraõ lidos ,
Ternos clamores novamente alçados
Placido escuta.

O Cinthio Numen , que voltea o dia ;
De verde louro não me cinge a frente ,
Nem suas Filhas me concedem gratas
Delfica lira.

Mal torneados são meus toscos versos ;
Porém sinceros da verdade filhos ,
Inda que infaustos , pois que são gerados
D'arido engenho.

Tu que bigornas immortaes poemas ,
No erguido cume do partido monte ,
Que a par d'Apollo co'as Camenas cantas
Noites , e dias.

Piza a teus pés o fanguinofa mostro ,
Em dura guerra contra mim armado ;
Verei fundida na maior ventura
Raivofa estrella.

Porém que novo defusado gofio
Subito cerca meu ferido peito ?
Que luz he eſta que os meus paſſos guia ?
Minha alma pula !

Ah que em mim finto natureza nova !
Venceſte , ó Tirce , o meu ferrenho fado :
Ah ! quanto podem ſobre o mundo inteiro
Tuas Virtudes !





ODE SAFICA
AO SENHOR
THEOTONIO GOMES
DE CARVALHO,

AMADO Tirce , poderoso azyllo
Das Lusitanas desvalidas Musas ,
Em quem me deraõ os benignos Astros
Alto Mecenas :

Embora escute sibilando oufado
Guerreiro filho de Gradivo iroso ,
No Marcio campo , em fangue , e pó envolto ,
Igneos pelouros :

Ao rouco estrondo de horrorosas tubas ,
Ligeiro voe a receber a morte ;
Scintilar veja sobre si pendente
Nitido gume :

A vida fie de ferventes ondas ,
Na mole immensa , que a Neptuno affusta ,
Ex-

Exposto á furia , mercador affeito ,
D'horridos ventos :

Na escura noite com sereno aspecto ,
Rasgando os ares , a través dos Pollos ,
O duro nauta flamejando veja
Fulgidos raios :

Imprima o rico os mendigados timbres ,
Na erguida testa do Palacio altivo ,
Furtando aos olhos entre as nuvens densas ,
Doricos tectos :

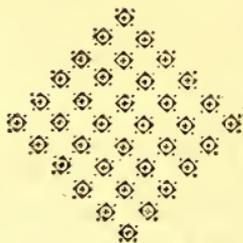
Adore cégo os chapeados cofres ,
Que gemem prenhes do metal luzente ,
Entre despidas , fordidas paredes
Mifero avaro :

Affim liberte , na futura idade ,
Das mãos escaffas dos mesquinhos annos ,
Soberbo nobre feu recém-nascido ,
Inclito nome :

Co'a verde rama do fagrado louro ,
Premio devido aos Apollineos Vates ,
Pode tocar a minha ornada frente
Lucido o Globo.

Ah ! s'eu configo a desmedida gloria ,
Que a minha cithara até agora rouca ,
Guarneça o Numen de Latona filho
Das aureas cordas.

Então , ó Tirce , levantando aos ares
Em teus louvores sonoros versos ,
Além dos evos levará meu nome
Rápida Fama.





O D E

A O SENHOR

THEOTONIO GOMES

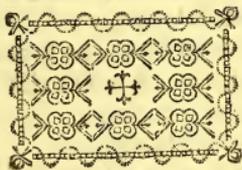
DE CARVALHO.

NA despida desgraça , em que me vejo ,
Por influxo dos fados ,
Não rogo aos Céos , ó Respeitavel Tirce ,
Que me iguale aos Validos ,
A quem fortuna prodigos thesouros
Cegamente reparte.
Altos Palacios , jaspeados tectos
De damascos cubertos ,
Aureas carroças por Frisões tiradas ,
Serpentinas brilhantes ,
Bordadas sedas , que Oriente vende
A grosso pezo d'ouro ,
Por quem arou o mercador avaro
Os azulados campos ,
Que a Jupiter undoso em forte coube ,
O coração d'hum Poeta
Não podem cativar ; bens emprestados

São

São estes da fortuna ,
 Muitas vezes pedidos ; meus desejos
 Tem origem mais nobre ,
 Invencível a mão do effcasso tempo.
 De que valeo a Cresso
 Inexhausta riqueza , se o seu nome
 Não excita nas almas
 Mais , do que ideas de montanhas d'ouro
 O Cantor de Venofa ,
 A quem na lyra tu suave imitas ,
 Deixou-nos mais thesouros ,
 Do que effes que produz o vasto seio
 D'America opulenta.
 A mão funesta da fombria morte
 A tudo imprime o fello :
 Estatuas de vapor são as grandezas ,
 Que inda o mais brando vento ,
 Com qualquer fopro subito decipa.
 As Aonias Deidades ,
 Que o fer herdárao co'as divinas Lyras ;
 Da morte não receaõ
 Os violentos golpes defabridos.
 Com ellas fõ quizera
 Unir-me de tal forte , que hum instante
 Não vivera sem ellas.
 Os dourados pimpolhos , que brotavaõ
 Das minhas esperanças ,
 Por decretos dos Ceos , que humilde adoro ,
 Em flor foraõ cortados :
 Traidora mão quebrou o longo fio ,
 Que ao Templo das Sciencias ,
 Os meus passos guiava ; engenho d'arte

Ficou sem a cultura ;
Mal conheço as bellezas , que realçãõ
O Mantuano Cifne ,
O Cantor Venusino , o Grego Vate ;
Mas ardem na minha alma
Accefas labaredas , que nas trevas
Guiãõ meus pensamentos :
Dormem comigo no despido leito
O Camões , o Ferreira ,
O Sublime Garçãõ , honra d'Arcadia ,
Por quem choraõ as Musas ;
Nelles encontro o mel , que adoça grato ,
A picante amargura
Dos trabalhos da minha infausta vida ,
Se assim chamar-lhe posso.





O D E

AO EMINENTISSIMO SENHOR
CARDEAL PATRIARCA
M E N D O Ç A

N A S U A S A G R A Ç A Õ .

DE Corinthio metal , ou Pario jaspe
S'estatuas não levanto ,
Que excedendo do Mundo ás maravilhas ,
Levem meu nome ainda além dos Poillos ,
Faço sublimes versos ,
Que os Heroes eternizaõ ,
Que rebatem do tempo a furia brava.

Voem meus écos pelo vasto mundo ,
De clima , em clima levem
Nas azas do louvor meu alto canto ,
Em honra deste dia magestoso ;
Ao estelifero affento
Meus hymnos se remótem ,
Pelas mãos das Virtudes conduzidos.

Que

Que forte agitação ! que enthusiasmo !
 Me inunda a fertil mente !
 Dos faiscantes , incendidos olhos
 Vivo lume scintila , quaes scintilaõ
 Do Sol os claros raios !
 Qual trovaõ crepitante
 Estalle , ó Musa , a tua voz ruidosa :

Co'as pandas azas os ceruleos ares
 Vai abrindo ligeira ;
 Calçando alto cothurno ao Pindo sóbe ;
 Delfica lira empunha , as açções louva
 Daquelle Heroe Sagrado ,
 Cujas mãos dos thesouros
 Da Divina palestra as chaves guardaõ.

Em nosso canto o bom Pastor louvemos ;
 Que os rebanhos de Lísia
 Extremoso apascenta : Alto Collega
 Do Sabio Palinuro , que abre o rumo
 A' Barca Militante ;
 Que d'estuosas Sirtes
 Experto aparta o escolhido Povo.

Louve-se aquelle , que na invicta frente
 Dos Esquadrões luzidos ,
 Cantando de Adonai o nome Santo ,
 As hydras calca do medonho vicio :
 Valeroso Atalante ,
 Em cujo hombro da Igreja
 A luminosa esfera se sustenta.

Aquelle antigo , ja-sepulto tempo ;
 Suspirado das gentes ,
Quando o mal pestilente , e devastante
Os campos de Israel não infestava ,
 Por ti resuscitado ,
 Novamente veremos ,
Em nossos campos , que prudente zellas.

Os rebanhos , que amante pastoreas ,
 Por ti nédios veremos ,
Nos Campos de Sion apascentados :
A' pacifica sombra que lhes formas
 Co'a purpura sagrada ,
 Do lobo infaciavel
Não temeraõ o navalhado dente.

Enchente grossa de feliz ventura ,
 Qual matutino orvalho ,
Sobre nós cahirá do Ceo mandada ,
Em nosso bem , por teu amor pedida.
 Rebanho venturoso ,
 Todos os mais te invejaõ
Quer no frigido gelo , ou calma ardente.

As Nações mais remotas do Univerfo ,
 Quanto abarca Oceano ,
A nobre historia das acções preclaras
Da tua vida cantarão vaidosas ;
 Com ella mais suave ,
 O pezado trabalho
Fará o Lavrador , fulcando a terra.

Anjos Divinos , que escutaes meus rogos ,
Que ante o fulgente Throno
Sobre as venturas vigiaes de Lisia ;
Apresentai os incessantes votos
Do Lusitano povo ,
A'quelle Deos Immenso ,
A cuja vista os orbes estremezem.

Nas angelicas mãos depositados
Levai-os presurofos ,
Depois do Templo da Immortal Memoria
As paredes vesti : fiquem pendentes ,
A' gloria destinados
Daquelle Heroe Supremo ,
Que a Igreja inteira regerà hum dia.





A: ACADEMIA
DAS
BELLAS LETRAS
DE LISBOA.

ODE SAFICA.

A S frescas margens do saudoso Téjo ,
Que os muros banha da Gentil Lisboa ,
Meus fortes versos , qual trovaó que soa ,
Rapidos ide.

Eufcai o bosque , aonde só rezide
Alma Minerva do Alto Jove filha ,
Que ousada calca , que valente trilha
Languidos Erros.

Amolle Inercia diamantinos ferros ,
Ao jugo preza , vós vereis rugindo ;
E que a Ignorancia , qual Leão bramindo ,
Rispida freme.

Em

Em prizaõ dura manietada geme
A torpe Inveja , co'a Discordia summa ,
Que a longa cauda , tendo em fio a espuma ,
Rabida morde.

Vapor corrupto , que do Averno forde ,
Naõ mancha os ares desta fabia Athenas ;
Alli o Coro de Immortaes Camenas
Placido mora.

Quebrados écos , inda s'ouve agora ,
Do Fanatismo , pelos denfos ares ,
Em pó tornados os seus vís altares
Jazem por terra.

Aos duros golpes da fanguinea guerra ,
Os aureos dias de Saturno tornaõ ,
Ferteis engenhos Ulliffæa adornaõ :
Epoca bella !

Qual n'horizonte a matutina estrella ,
Brilha a Sciencia , que o Universo guia ,
Que aos piedofos niveos peitos cria ,
Nitidas almas.

Aqui , meus versos , de virentes palmas
Ornai as frontes dos erguidos buftos ,
Dos Varões Sabios , Memorandos , Justos ,
Honra do Estado.

A voz erguendo com terrivel brado ,
Embragados de furor divino ,

Can-

Cantai melifluos , em estillo digno ,
Altos louvores.

Louvai os ternos Delficos Cantores ,
Que dilatando d'Acadêmia a gloria ,
Vão os Annaes da Lusitana Historia
Dignos fazendo.

Com vivas cores , como está fervendo ,
Se vós pintareis , no meu forte espirito ,
O Amor da Patria inalteravel fito
De heroicos feitos ;

A' vossa gloria vos feraõ fugeitos
Os devorantes incansaveis annos ,
Mais do que os Gregos, mais do que os Romanos
Tereis incensos.





O D E

NA MORTE DE S. A. REAL

O SENHOR D. JOSÉ

PRINCIPE DO BRAZIL.

DE rigido diamante , ou rijo bronze ,
Que peito despiedado
Naõ estalla de dor , na infausta perda ,
De Principe taõ charo ?
Melpomene Sagrada , que prezides
A luçtuosos hymnos ,
Tristes nenias m'ensina , brandas queixas
Na dissonante Lyra !
JOSE' ! charo JOSE' ! Principe amado !
Modello de virtudes !
A nossos olhos de chorar cansados ,
Em que lugar te escondes ,
Que os quebrados gemidos naõ escutas
De teu afflicto Povo ?
Em vaõ grito por ti ! tu já naõ vives !
As enrolladas nuvens

De

De crepso fumo dos cavados bronzes ,
 Desconcertadas vozes
 De horrifonos tambores , roucas tubas ,
 O tropel dos Ethontes
 De luçtuofas vestes carregados ,
 (Lugubres apparatus
 Da lastimofa irreparavel perda)
 Mudamente nos mostra ,
 Que erguida Campa já teus ossos cobre !
 Ah ! Lilia desgraçada ,
 Que profundo lethargo te sepulta !
 Que barbaro destino
 Da tua alta ventura em flor decepa
 A dourada esperança ?
 Qual dos Pastores teus , qual dos teus filhos ,
 Entre feras gerado ,
 Em raiva accefo atassalhou mordendo
 As entranhas paternas ,
 No verde-negro fangue as mãos lavando ?
 Ou qual novo gigante ,
 Infame espada contra os Ceos erguendo ,
 Acumulou montanhas
 Para do Sacro Emphyreo apoderar-se ?
 Ah ! Lilia desgraçada
 Que profundo lethargo te sepulta !
 Já mais veraõ teus campos
 O Primo-genito , e querido filho
 De PEDRO , e de MARIA ,
 De quem sempre seguio constante os passos !
 Mais que Tito , e Pompilio
 Da Lusitana gente he suspirado !
 De toda a parte cruzaõ

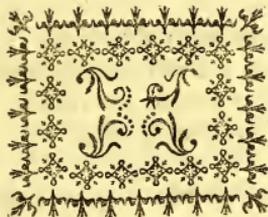
Falanges de gemidos lastimosos !
 Pelas praças chorando ,
 O fiel povo , tristes ais levanta
 A' morada celeste ,
 Pedindo aos Ceos o Pai , que a Patria chora !
 Ah ! Lilia desgraçada ,
 Que profundo lethargo te sepulta ?
 O sabio , o nobre , o rude ,
 O robusto mancebo , o velho curvo ,
 Assim como pasmados ,
 De pranto o rosto banhaõ , recontando
 Huns aos outros o caso :
 E nesta triste , dolorosa scena ,
 Até se nos figura ,
 Saudosa voz chamar seu Nome Augusto !
 Entaõ alli recorda
 O soldado chorando , o bem perdido ;
 O Seculo dourado ,
 Em que veria na fiel balança ,
 Equilibrar o premio
 Dos illustres serviços , que fizera .
 Que entaõ na fõs do Tejo ,
 As Lusitanas Quinas tremulando ,
 Boiantes , curvos lenhos
 Se veriaõ entrar prenhes de palmas ,
 No Ganges arrancadas :
 Dos Manoes , e Joaõs renasceria
 O bellicoso tempo ,
 Em que o Portuguez Nome era temido ,
 No antigo , e novo Mundo .
 Porém de tantos bens dignos naõ fomos !
 Maldita seja a culpa

Do

Do Pai primeiro donde a morte herdamos !
 Hydropico desejo
 De querer igualar , quem tudo rege ,
 Tu nos roubas aquelle ,
 Que foubes triunfar dos torpes vicios ,
 Da impolada soberba ,
 Que em torno gyra dos dourados Thronos !
 Os cajados , e sceptros
 Tu reduces a pó , que o vento leva !
 Não valeraõ contigo
 Virtudes peffoaes , engenho raro ,
 Penetraçãõ sublime ,
 Com que sempre buscou seguir os passos
 De feu Avô eterno ,
 JOSE' Primeiro das Nações Amado !
 Mas onde me arrebatã
 De Vassalo fiel o amor ardente ?
 Nas azas do tormento
 De balde voaõ nossos ais cansados !
 Espirito Divino ,
 Que na eterna Sion o Nome cantas
 Do Author da Natureza ,
 Junto aos Maiores teus , que em paz descançaõ ,
 Já que em triste orfandade
 Deixaite o Povo , que por ti suspira ;
 Ouve as supplicas justas
 Daquelle que na vida tanto amaste.
 Ao Ente Poderoso ,
 Que o Throno occupa na celeste esfera
 D'estrellas esmaltado ,
 A vida roga desse Heroe Benigno ,
 Em quem vemos gravadas

Tuas

Tuas mesmas virtudes scintilantes ;
JOAM Principe Amavel ,
Esperança da Lusa Monarquia ,
Do Bragantino Estado ,
Por quem veremos dilatada a prole ,
A prole sempre invicta.



ODE.



O D E.

VOLVENDO a roda o presuroso Tempo ;
Arrastra apôs de si os breves dias ;
Nem de seus golpes se liberta ao menos
A pedra , o ferro , o bronze.

Sentado sobre montes de ruinas ,
Dardeja dannos a horrorosa dextra ,
Ao ludibrio dos ventos reduzindo
Os Palacios , as torres.

No theatro do Mundo , apenas move
A prolle humana os mal-seguros passos ,
Vê ante os olhos da mortal carreira
A ultima balliza.

Mais veloz , que o fulgor do acceso raio
Morre da vida o germe luminoso ;
E muitas vezes entre o berço , e a campa
Breve instante medêa.

D'altiva Rhodes os Collossos fallem ,
De Babylonia os decantados muros ,
Diga o Egypto , diga Grecia , e Roma
Quem saõ , quem saõ os annos.

Lá me correm os mappas falladores
Do nublofo futuro as fataes scenas ;
Lá vejo o mundo reduzido ao nada
Victima do Tempo !

Só a invicta virtude encanecida ,
Filha do grande Deos , como elle eterna ,
Pode ver succeder milhões de mundos ,
D'estragos sempre ifenta.

Vomite embora o vorador Satutuo
Furiosos volcões de ruinas , mortes ;
Faça tremer de susto altas montanhas ,
Que as nuvens amedrontaõ ;

Qual no largo Oceano altiva rocha ,
Zomba risonha com semblante ledõ ,
De horrifonas procellas tormentofas ,
A invencivel Virtude.





S O N H O.

D EPOIS de ter lutado a fantazia
 Nos males que hei passado ,
 Nos braços de Morfeo entrego a vida ;
 Porque o corpo repouso me pedia ;
 Laudano que suave
 Da vida o pezo torna menos grave.

Eis em torno do leito revoando,
 Quaes Zefiros ferenos ,
 Cerca meus lados em continuo gyro
 De leves sonhos numerofo bando :
 Diversos na figura ,
 Huns infundem terror , outros ternura ;

Perguiçosos os mudos voadores
 A miudo bocejaõ :
 Semi-dormindo placidos derramaõ
 Nos lassos membros languidos vapores ;
 Qual beija o meu semblante ,
 Qual Dorinda gentil me põem diante

Formosas cores nas bordadas pennas
 Das azas reluziaõ ,
 Procellofas idéas me apresentaõ ,

Fin-

Fingidos gostos , mentirofas scenas ,
Que a ferem verdadeiros ,
Desejára dormir annos inteiros.

Em aureo throno o mundo legislando
Me figurou o engano ,
Croadas testas ante mim tremendo ,
Imperios devidindo , a muitos dando ,
E o meu estandarte
Tremulando do Mundo em toda a parte.

Inviçtos Generaes , que amedrontáraõ
A terrifica morte ,
A's minhas plantas em tributo punhaõ
Os lauros , com que a Patria coroáraõ ;
Serviços decantados
Co'fanguê , que verteraõ , rubricados.

The parece que a mesma Natureza ,
Curvada a meus desejos ,
Obedece veloz a meus decretos :
Que eu não marco limites á grandeza ,
Que a minha magestade ,
Me transplanta inda além da humanidade.

Eis que o Numen vendado , Amor tyranno ,
C'os sonhos de mistura ,
A formosa Dorinda me defenha ,
Para fer mais funesto o meu engano ,
Alli vejo Dorinda ,
Quem tivera a sonhar com ella ainda !

Li-

Ligeiro vôo , e a seus pés prostrado
O sceptro lhe offereço ,
Naõ como Rei ; porem como Vassallo
Da sua formosura ; honras , estado
Contente sacrificio.
De meu só quero amor ; bem com que fico.

Já naõ pareço ser senhor do Mundo ,
Como d'antes o fora ,
Qual misero cativo entre cadeas
Levanto os olhos com temor profundo ;
Falar a alma pretende
Vacilo , o peito bate , a voz se prende.

Amor forças m'empresta , a voz se solta ;
Eu d'ingrata a condemno ;
A minha bella amada hum pouco meiga ,
Se bem que a furto , a mim seu rosto volta ;
As faces se lhe coraõ ,
E , naõ fei porque causa , os olhos choraõ.

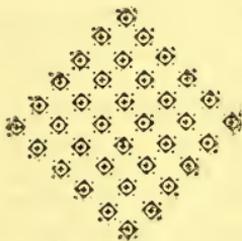
Entre ternos suspiros lhe pergunto
Do nosso amor o estado ,
Sua nevada maõ chorando bejo ,
Sua mimosa face á minha junto
O mais , Amor que o diga ,
Que o casto pejo a naõ falar me obriga.

Entaõ Morfeo desapertando os lasso ,
Que os membros me ligáraõ ,
Sem Dorinda me deixa , e sem as honras
De Monarca , que obtive alguns espaços ;

No throno não discorro ,
Mas na minha adorada por quem morro .

Com meu desejo a guerrear começo ,
Inda brado , Dorinda ,
Nem éco ao menos minha idéa illude ;
De nada vale o meu ardente excesso ,
Abraço o ar vazio
Ser Dorinda pintou-me o desvario ,

Que tanto Amor tu possas na minha alma ?
Ah ! fragil natureza !
Nem dormindo descanso hum só momento ,
Eu te concedo da Victoria a palma ;
Eu te figo constante
Se fora Rei feria igual amante .





S O N H O.

NO regaço dos languidos deleites ,
 Enfurdecido da Virtude aos brados ,
 Passava os dias d'hum vida bruta.
 Meu idolo era Amor , e as paixões fracas ,
 Em que se cevaõ corações cobardes ,
 Que não conhecem da Razaõ a guia.
 Hum dia pois que de lutar cansado
 Com os molles prazeres repoufava ,
 Por entre vagas legiões de founhos
 A mensageira das divinas iras
 Pelos cabellos me facode , e aballa.
 Fixando os olhos no medonho espectro
 Conheço a maõ da morte descarnada :
 Cahiraõ a meus pés as falsas vestes ,
 Que a miseria da carne rebuçavaõ ,
 Olhando para mim nada mais vejo ,
 Do que hum refumo de horrorosos males ,
 Hum mortal furioso , que banira
 De si a regia , a litiva auctoridade ,
 De que o dotára o Creador dos entes ,
 Lembrando-me quem fou , vacilo , e tremo ;
 Gelado susto os membros m'adormece ;
 D'opacas sombras ao travez devifo
 Confusamente a Sãa Razaõ clamando :
 Qual severo Juíz na catadura

Estreitas contas de meus dias pede :

- „ Quem és , ella me diz , és tu acaso
- „ Aquelle chefe d'obra o mais perfeito ,
- „ Que o poderoso Deos tirou do nada ?
- „ Encheste o justo fim misterioso ,
- „ Porque tiveste a primazia summa ,
- „ Sobre quanto produz o vasto Mundo ?
- „ Onde as obras estaõ que na presença
- „ Do supremo Senhor presentar debes ?
- „ Os tragicos effeitos do peccado
- „ Saõ as graças rendidas , saõ offertas
- „ De huma vida sem juro emprestada ?
- „ Repara quem tu es ; e a quem rebelde
- „ Ante a face dos Ceos tu offendeste :
- „ Tu abraçaste os erros que te cegaõ ;
- „ Tu pizaste a verdade brilhadora ,
- „ Para gozar o fructo dos teus vicios :
- „ Mas que te deo o erro , ingrato humano ?
- „ Momentaneos deleites , breves gostos ,
- „ Que fogem mais velozes do que o fumo ?
- „ Arvoraste a bandeira do triumpho ,
- „ Por entre alluviões de torpes glorias ?
- „ Foi teu nome esculpido na lembrança ,
- „ D'estragados sequazes , que applaudiaõ
- „ Milhões sobre milhões d'enormes culpas ?
- „ Mas a Santa Virtude te dotava
- „ Co'a posse inalteravel dos thesouros ,
- „ Que a candida innocencia só desfruta !
- „ Tu no seio da paz tranquilla , e pura
- „ Do remorso as tormentas não temias :
- „ Na milicia dos Ceos foi alistado
- „ O teu nome feliz em quanto justo :

„ E

„ E tu mesmo , he possível ! derigiste
 „ A mão que to riscou ! tu o tornaste
 „ Baixo escravo da culpa em que te atollas ?
 „ Eis agora o momento em que és punido ,
 „ A cada instante a morte te decepa ,
 „ E talvez , e talvez que te despreze ,
 „ Aquelle , a quem mil vezes desprezaste.
 Nesta terrível , lastimosa scena
 Tudo que vejo de verdugo serve
 Ao meu afflicto espirito , que geme
 Apunhalado de impios assassinos :
 As timidas potencias me deixáráo ,
 Qual o nauta perdido em noite escura :
 Os tormentosos vicios me cercáráo ,
 E na frente hedionda comandava
 O pungente remorso aguilhoando
 O entallado coração de dores.
 Não he mais alterado o mar iroso ,
 Quando revoltos de filvantes Euros ,
 Salpica as nuvens co'a espumante cauda ,
 Do que minha alma turva , onde apinhados
 Da desesperação os filhos fremem.
 Pendente sobre mim a curva foice
 Já quasi os fios de meus dias corta. . . .
 Aqui chegava , quando a Natureza
 Compadecida de taõ duros golpes ,
 Quiz dar alivio a meus crueis tormentos.
 Desfez-se a nevoa que offuscava a mente :
 Em pavoroso leito acordo , e brado ,
 E o corpo , ainda duvidoso , apalpo ,
 Que o vital succo os membros me calasse.
 Engano foi da errada fantazia ;

Mas

(45)

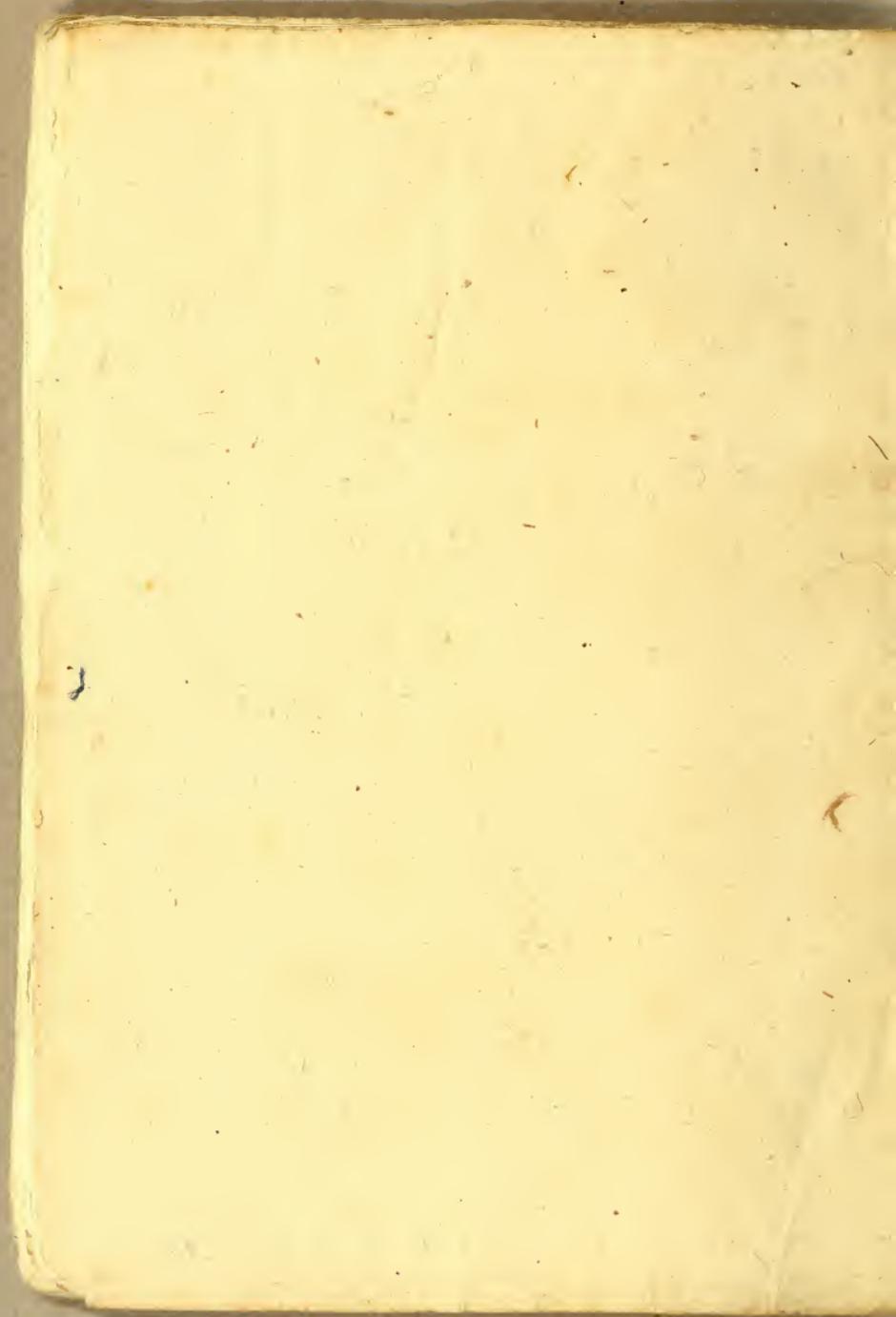
Mas quem sabe se o Ceo desta maneira
Quiz retratar-me a scena , que m'espera
Se não abandonar a estrada infecta ,
Que os meus passos conduz ao precipicio
Por maõ do engano , e do medonho vicio.

F I M.



12-91





C791

.5586p

cc - rec = 8/7/11

20